



LUA MÍSTICA, ÁGUAS MÍTICAS: O FEMININO SIMBÓLICO EM *O DESPERTAR*, DE KATE CHOPIN

MYSTICAL MOON, MYTHICAL WATERS: THE SYMBOLIC FEMININE IN *THE AWAKENING*, BY KATE CHOPIN

Rosemary Elza Finatti¹

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / UNESP

Resumo: Kate Chopin rompeu paradigmas com a publicação de *O despertar* (1899), cujo teor subversivo causou furor na sociedade sulista estadunidense. A partir da epifania do primeiro mergulho no mar, Edna Pontellier desperta para novos impulsos de liberdade e autoafirmação, contestando as limitações femininas no contexto social patriarcal finissecular. Nesse percurso de autorrealização, a heroína abandona os papéis sociais de mãe e esposa para viver para si mesma. Nesse prisma, busca-se, no presente artigo, problematizar a imagética do espaço marítimo como símbolo do feminino, cujo viés mítico evoca a presença da deusa Afrodite. Para tanto, a análise terá como aporte teórico os pressupostos de Jean Chevalier, Alain Gheerbrant e Mircea Eliade sobre a simbologia aquática, as reflexões de Gilbert e Gubar a respeito abordagem mítico-simbólica da narrativa, entre outros autores.

Palavras-Chave: Kate Chopin; *O despertar*; Afrodite.

Abstract: *Kate Chopin broke paradigms with the publication of The Awakening (1899), whose subversive content caused a furor in the American Southern society. From the epiphany of her first dive in the sea,*

¹ Endereço eletrônico: rosefinatti@gmail.com

Edna Pontellier awakens to new impulses of freedom and self-assertion, contesting the feminine limitations in the finissecular patriarchal social context. In this path of self-realization, the heroine abandons the social roles of mother and wife to live for herself. In this prism, this article seeks to problematize the imagery of the maritime space as a symbol of the feminine, whose mythical bias evokes the presence of the goddess Aphrodite. To do so, the analysis will have as theoretical basis the assumptions of Jean Chevalier, Alain Gheerbrant and Mircea Eliade about the aquatic symbology, the reflections of Gilbert and Gubar regarding the mythical-symbolic approach of the narrative, among other authors.

Keywords: *Kate Chopin; The Awakening; Aphrodite.*

INTRODUÇÃO

Kate Chopin (1850-1904), um dos expoentes do Realismo americano, subverteu o contexto literário da época ao levar a público sua obra-prima, *O despertar* (*The Awakening*, 1899). Publicado em 22 de abril de 1899, pela editora *Herbert S. Stone & Company* de Chicago, a recepção do romance ocorreu de forma mordaz por parte dos críticos, que o considerou avesso aos padrões aceitos pela tradição literária da época, sobretudo por tratar-se de uma obra de autoria feminina que aborda temas tabus para os leitores conservadores. Diante da rejeição de *The Awakening*, Chopin não conseguiu publicar mais nenhuma obra, culminando no fim de sua carreira e, por sua vez, sua produção literária caiu no limbo do esquecimento por mais de cinquenta anos. Contudo, em 1969, no contexto da segunda onda do feminismo nos Estados Unidos, o biógrafo Per Seyersted publica a coletânea *The Complete Works of Kate Chopin*, obra que a consagra como uma das precursoras deste movimento.

A partir da contextualização do surgimento e ressurgimento da obra, buscamos analisar o espaço marítimo de *O despertar*, no que tange à dimensão simbólica do mar articulada à representação de Afrodite e as implicações desta imagem nas instâncias narrativas. Regida pelo poder da deusa grega, Edna Pontellier subverte os papéis sociais de mãe e esposa e, no desfecho da obra, retorna para o berço original de Afrodite, como personificação da divindade feminina. Para tanto, a análise será norteada pelos pressupostos teóricos

apontados por Jean Chevalier, Alain Gheerbrant e Mircea Eliade a respeito da simbologia marítima, pelas considerações de Sandra Gilbert acerca da presença da deusa mítica no romance, entre outros autores.

1 O DESPERTAR NAS ÁGUAS MÍTICAS

A obra-prima de Chopin apresenta a trajetória de autoafirmação de Edna Pontellier. Durante as férias de verão no Golfo do México, a heroína começa a questionar as imposições do casamento e da maternidade. Tais indagações surgem a partir do seu contato com as águas de *Grand Isle*. Ao superar o medo de nadar, a protagonista mergulha pela primeira vez sozinha no mar e emerge com o desejo de romper toda e qualquer limitação que a impede de viver plenamente, sobretudo as limitações que os papéis sociais impõem à mulher da sociedade do século XIX. Ao retornar para a mansão em que vive com o marido e os filhos em New Orleans, Edna começa a trilhar um caminho de emancipação, negando-se a dedicar-se à família e em obedecer às convenções sociais para viver conforme suas próprias regras. À vista disso, ela decide manter-se com a venda de seus quadros e muda-se para uma pequena casa, libertando-se das amarras do casamento.

O capítulo X é um dos mais significativos do enredo, uma vez que representa um divisor de águas no romance. É neste capítulo que a heroína rende-se aos encantos do mar e, iluminada pelo brilho da lua, é tocada pelo poder da deusa Afrodite no nado epifânico, deusa que rege seus caminhos de liberdade e autorrealização. A conotação simbólica da cena se compõe por meio de elementos associados ao feminino como a água e a lua. Nesse ínterim, o brilho da lua refletivo no mar a convida para o mergulho noturno em que “havia um leve brilho no leste. A lua estava subindo e a sua luz mística refletia-se em milhões de outras da distante, inquieta água” (CHOPIN, 2002, p. 49).

Como uma cena onírica, a descrição do narrador mostra a aura mística que envolve o encontro de Edna com o mar sob o céu enluarado: “não havia peso da escuridão; não havia sombras. A branca luz da lua caía sobre o mundo como o mistério e a leveza do sono” (CHOPIN, 2002, p. 53). A respeito da simbologia lunar,

(...) a lua é a deusa da fertilidade, que por sua vez está associada à água, ao movimento dos líquidos. A lua rege as marés e a seiva das plantas. Uma das formas sob a qual o feminino se revela é através dessa receptividade úmida e fertilizadora (RAPUCCI, 2011, p. 62).

É interessante observar que a luz do luar, enquanto símbolo de passividade, ilumina o nado inaugural da protagonista e, ao passo que ela traça um percurso de personificação de Afrodite cuja transformação se concretiza no desenlace do romance, no momento em que Edna entra nua no mar, a presença do sol irradia seu último nado, que, em oposição da lua, representa a força ativa, sob a perspectiva do par conceitual que distingue o masculino e o feminino Atividade/passividade/Sol/Lua (Cf. CIXOUS, 1986, p. 63).

Em relação ao simbolismo presente nas instâncias narrativas, o verbo nadar tem um sentido metafórico no romance, visto que evoca liberdade e movimento, revelando a libertação da protagonista dos ditames patriarcais em um espaço que se articula como a representação do feminino. E apesar do medo que inicialmente a impedia de nadar, “o fato de ter conseguido nadar sozinha implica em um fortalecimento da auto-estima (sic), em um confiar em si mesma, em um tornar-se independente” (ROSSI, 2006, p. 121). Ao banhar-se nas águas de Afrodite, Edna renasce com uma força que até então não conhecia, que lhe permite escolher os próprios caminhos. Envolvida pelo sentimento de inadequação social, ela percebe claramente que o casamento e a maternidade não são suficientes para dar sentido à sua vida. Nesse prisma, o mar engendra a

sua transformação mítica, cujo mergulho batismal no berço da deusa é descrito pelo narrador:

(...) um sentimento de exultação a tomou, como se um poder de grande importância lhe tivesse sido dado para controlar o funcionamento de seu corpo e sua alma. Ela tornou-se ousada e descuidada, superestimando sua força. Queria nadar para longe, para onde nenhuma mulher havia nadado antes (CHOPIN, 2002, p. 54- 55).

Assim, a protagonista torna-se corajosa para buscar a plenitude de corpo e alma, desarticulando os padrões de conduta esperados para uma mulher casada e mãe de dois filhos, “deixando de lado o ‘eu’ fictício que assumimos como uma roupa com a qual aparecer diante do mundo” (CHOPIN, 2002, p. 107, grifo da autora). Sob o signo do poder que nasce no mar, a heroína renasce para novas aspirações de autoafirmação e passa a realizar seus anseios de uma forma desprendida de moralismos como uma afronta à condição feminina determinada pela cultura machista. Dessa forma, “ela decidira nunca novamente pertencer a alguém além de si mesma” (CHOPIN, 2002, p. 149). Sob esse prisma, o cenário marítimo proporciona um mergulho interior na busca pela realização de seus desejos sufocados pelas convenções sociais:

(...) ela começou a fazer o que queria e a sentir o que queria. Abandonou completamente suas terças em casa e não retornava às visitas daqueles que vinham à sua casa. Ela não fez nenhum esforço inútil para conduzir suas atividades domésticas em *bonne ménagère*, indo e vindo conforme sua vontade, e, sempre que podia, deixava-se levar por qualquer capricho passageiro. O Sr. Pontellier foi um marido amável enquanto ele encontrava uma certa submissão tácita em sua esposa. Mas sua nova e inesperada linha de comportamento o espantava completamente. Chocava-o (CHOPIN, 2002, p. 106).

A partir do momento em que Edna decide agir à revelia do comportamento esperado para uma mulher casada, deixando de cumprir os compromissos sociais do casal, o seu marido associa as suas atitudes à loucura,

organizando um jantar com o médico da família para que ele avaliasse a sua conduta e, por sua vez, pudesse tratá-la.

No que se refere à dimensão simbólica do mar, a história começa e termina no balneário de *Grand Isle*, uma ilha localizada no Golfo do México, figurando como um elemento que permeia o romance e que personifica o viés mítico da obra que desarticula os ditames patriarcais. Sob tal ótica, o mar revela-se como espaço primordial do despertar da heroína de Chopin, uma vez que “o mar e a sua essência, a água, são o verdadeiro espaço de *O despertar*, um espaço cíclico e líquido, um espaço feminino” (ROSSI, 2010, p. 204). À vista disso, o simbolismo do cenário marítimo apresenta-se sob diferentes matizes: através da voz do mar, que ressoa nos momentos em que a heroína de Chopin questiona o mundo ao seu redor; como *leitmotiv* do despertar epifânico que intitula o romance; como elemento do feminino, uma vez que “a água simboliza antes de tudo a origem da criação. [...] é mãe e matriz. Fonte de todas as coisas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 54, grifo dos autores), e, sobretudo, o mar figura como um espaço de renovação, visto que

(...) o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida (ELIADE, 1992, p. 65, grifos do autor).

Imersa no manancial de sua subjetividade, cujo olhar para si mesma é desperto pela primeira vez, Edna nega-se a viver uma vida sem cor. Dessa maneira, as águas marítimas evocam um espaço de iniciação, de desvelamento interior, “representando o inconsciente[...], um lugar de descoberta, assim como

um esconderijo. O oceano inicia a imersão de Edna em seus impulsos inconscientes”² (GUDMUNDSSON, 2014, p. 7, tradução nossa).

1 O ARQUÉTIPO DA DEUSA: VIESES TRANSGRESSORES

O mergulho noturno de Edna nas águas de Afrodite sob a luz do luar evoca uma cena carregada de figurações metafóricas em que ela “é misticamente e miticamente revitalizada, renovada, renascida” (GILBERT, 1983, 52, tradução nossa). A deusa que surge da espuma da castração de Urano, quando “o esperma que dele jorra se mistura com a água salgada” (RAGUSA, 2001, p. 112), representa o arquétipo do feminino, símbolo de prazer, liberdade e subversão. Ao enveredar por caminhos de transgressão em busca de prazer através da arte, das relações extraconjugais e de libertação das obrigações que a vida de uma mulher casada e a maternidade lhe impõe, a protagonista é envolvida pelo poder transgressor da deidade, pois “Afrodite é e tem sua energia sexual para si mesma, para seu próprio engrandecimento, para seu próprio prazer” (GILBERT, 1983, p.62, tradução nossa). Em contato com o ambiente natural da deusa Afrodite,

(...) nos primeiros mergulhos como experimentação de territórios, Edna sente-se estranha, como se quisesse explorar sua geografia corporal em um deslocamento para fora do roteiro previamente montado para a constituição feminina. Dentro desse estranhamento, emerge o familiar; o mar que, inicialmente, parece mostrá-la o caos e a perturbação, passa a operar como organismo sedutor e convidativo de liberação do erotismo poético que se afasta do ideal falocêntrico e resgata um olhar para si (RIBEIRO, 2016, p. 46).

Dessa forma, a epifania no mar revela a libertação de Edna das amarras patriarcais, pois “ao nadar para longe da praia onde seu marido prosaico assiste

2 “representing the unconscious, [...] a place of discovery as well as a hiding place. The ocean triggers Edna’s immersion into her unconscious drives”.

e espera, Edna nada para longe da praia de sua antiga vida, onde ela permaneceu hesitante e ambivalente por vinte e oito anos” (GILBERT, 1983, p. 53, tradução nossa). Sob esse viés, a voz do mar a convida a buscar uma vida plena de realizações, por meio da arte e da independência afetiva, financeira e sexual. Como expressão de subversão, o romance chopiniano representa uma afronta ao pensamento patriarcal, pelo caminho de autoafirmação trilhado pela protagonista. Nesse sentido, os mitos são “movimentos humanos dotados de certa finalidade e certa eficiência: movimentos que deram conta de modificar uma forma de estar no mundo” (MORAIS, 1988, p. 70), uma vez que a referência “a mitos clássicos sugere que a autora quer elevá-la a um símbolo de feminilidade”³ (SEYERSTED, 1980, p. 158, tradução nossa).

Sob essa perspectiva, a deusa de Chopin, no bojo da divindade de Hesíodo, nasce no mar, visto que “a colônia onde ela se torna consciente está situada, [...], fora da cultura patriarcal, além dos limites da cidade onde os homens fazem história”⁴ (GILBERT, 1983, p. 51, tradução nossa). Em busca de uma vida plena de sentido, Edna mergulha em uma transformação mítica que transcende os espaços limitantes reservados à mulher da cultura *fin-de-siècle*, pois “enquanto nadava, parecia estar procurando o ilimitado no qual se perder” (CHOPIN, 2002, p. 54- 55). Nesse sentido,

(...) o despertar está, assim, de alguma forma relacionado ao espaço insular onde se desenvolve a narrativa: é nas águas do mar que banha Grand Isle, mar que confere a tal local ao mesmo tempo o caráter geológico de ilha, o caráter geográfico de isolamento e o caráter filosófico de estar à margem do logos, que o despertar ocorre inesperadamente (ROSSI, 2010, p. 204).

Nesse prisma, a evocação do mar figura como uma “metáfora polissêmica que personifica âmbitos de experiência mais amplos do que os

3 “its allusions to classic myths suggest the author wants to rise her into a symbol of womankind”.

4 “the colony where she comes to consciousness is situated, [...], outside patriarchal culture, beyond the limits of the city where men make history”.

limites impostos pela classe média” (TANDT, 1997 p. 16), rompendo os padrões sociais que restringem a condição feminina ao espaço doméstico e à dedicação à família, visto que “cada passo que dava em direção a se libertar de obrigações somava-se à sua força e sua expansão como um indivíduo” (CHOPIN, 2002, p. 173). Decidida a não sujeitar-se às restrições da cultura patriarcal, Edna consegue a independência financeira em seu próprio espaço, passando a ocupar “um teto todo seu” (WOOLF, 1983, p. 8), para libertar-se das correntes que prendem sua expressão e individualidade. Para celebrar a mudança para a sua casa e comemorar seu aniversário de seus vinte e nove anos, ela oferece um jantar para um grupo seletivo de amigos, resplandecendo em meio à decoração ornamentada de brilho e luxo. No capítulo XXXIX, o personagem Victor Lebrun a compara à Vênus, o epíteto de Afrodite na mitologia romana, assinalando, por sua vez, uma referência direta à divindade mítica:

Vênus surgindo da espuma não poderia ter apresentado um espetáculo mais extasiante que a Sra. Pontellier, cintilando com beleza e diamantes na cabeceira da mesa, enquanto as outras mulheres eram todas jovens huris, possuidoras de incomparáveis encantos (CHOPIN, 2002, p. 207).

A alusão à Afrodite sugere o poder que Edna adquire no mar para enfrentar as barreiras patriarcais. Ao recusar a condição de submissão e apagamento de sua individualidade, a protagonista deixa de ser um dos objetos de posse do marido e torna-se sujeito de sua própria história. Nesse viés,

(...) o mar se tornou uma espécie de símbolo transcendental para Edna, e ela se aproxima dele com um sentido de tudo o que ele passou a significar. É a enorme possibilidade do self, “brilhando com milhões de luzes do sol”, e o único lugar em que ela foi capaz de estar completamente sozinha⁵ (DYER, 1993, p.111, tradução nossa).

5 The sea has become a kind of transcendental symbol to Edna, and she approaches it with a sense of all it has come to mean. It is the enormous possibility of the self, “gleaming with million lights of the sun”, and the only place she has ever been able to be completely alone.

No que se refere ao corpo feminino no contexto social da época em que o romance foi escrito, cabe ressaltar que

(...) em meados do período vitoriano da formação do Estado e da organização social foi caracterizada por conflitos entre várias instituições seculares e religiosas para a autoridade de legislar o comportamento social. [...]. A conceituação da diferença como organização binária do sexo teve como base cada vez mais persuasiva, durante essas décadas, uma nova representação científica do corpo⁶ (POOVEY, 1988, p. 6, tradução nossa).

Em consonância com as convenções sociais, para a constituição e a manutenção das famílias, o casal deve manter uma relação em que “os dois não fossem independentes, mas integrados e completos”⁷ (LANGLAND, 1992, p. 294, tradução nossa).

Considerando o corpo da mulher como objeto gerador de vida, os códigos sociais da cultura *fin de siècle* oprimem o prazer feminino que deve limitar-se à maternidade e aos cuidados domésticos. O valor simbólico de fecundidade associado ao mar e “o cunho fundamental da ‘maternidade’ das águas” (BACHELARD, 1998, p. 122, grifos do autor) articula a água e feminino, uma vez que

(...) o útero, repleto com sua “água das profundezas”, é também, sob esta perspectiva, um espaço de inter-dito onde vida e morte tornam difusas suas fronteiras, fronteiras estas que na verdade não existem e que foram inventadas e impostas pela Metafísica ocidental. Esse aspecto será também um dos leitmotifs geradores do Complexo de Castração masculino justamente pelo referido caráter misterioso que envolve tal órgão da mulher, caráter este que é um dos motivos da repressão feminina pelo universo patriarcal (ROSSI, 2010, p. 207).

⁶ *The mid-Victorian phase of state formation and social organization was characterized by skirmishes among various secular and religious institutions for the authority to legislate social behavior. [...]. The conceptualization of difference as binary organization of sex had as an increasingly persuasive basis during these decades a new scientific representation of the body.*

⁷ *the two were not separate but integrated and integral.*

Nesse ínterim, o referencial mítico no romance representa uma afronta ao ideário patriarcal ao desconstruir o arquétipo feminino criado pela dominação masculina. Considerando que os mitos representam a busca pela superação das limitações humanas, Edna transcende as restrições impostas às mulheres pela hegemonia machista através da senda do mito da deusa. No desfecho da obra, o nado derradeiro da heroína

(...) nos remete ao início da narrativa, quando a protagonista surge do mar, à semelhança daquela deusa. Ao trazer para o final da narrativa a mesma imagem com que se inicia o romance, a narrativa ganha um caráter cíclico, mostrando que o espaço das águas, de onde surge a protagonista em dois momentos significativos da trama, no início e no fim do romance, é um espaço de destaque, de onde tudo brota e para onde tudo converge. Ainda, o trecho da comparação reforça a ideia de nascimento, que já está expressa no início do romance quando o narrador apresenta a protagonista vinda do mar, como se ela acabasse de ser gerada pela espuma que surge quando as águas tocam violentamente a praia (MANGUEIRA, 2012, p. 180).

Na cena final, permeada por um lirismo singular, Edna regressa nua em direção ao mar, despida de todas as convenções sociais e das limitações femininas construídas pela tradição patriarcal. Assim, o último mergulho no mar como um elemento feminino, ela imerge no universo das águas míticas para consagrar-se como a deusa transgressora:

(...) mas quando ela estava ali ao lado do mar, absolutamente só, despiu-se das desagradáveis e incômodas roupas e pela primeira vez em sua vida ficou nua ao ar livre, à mercê do sol, da brisa que batia nela e das ondas que a convidavam. [...] O toque do mar é sensual, envolvendo o corpo em seu suave, denso abraço (CHOPIN, 2002, p. 210-211).

O último nado de Edna Pontellier delineia a volta da heroína ao elemento de transcendência, como símbolo de subversão do poder feminino que

(...) reafirma a supremacia de Edna no reino do prazer [...]: ela volta à natureza, às águas ressonantes do Golfo [...]. Seu renascimento aquático é uma espécie de celebração sensual e descoberta de seu corpo nu com o mar⁸ (GIL, 2015, p. 96-97, tradução nossa).

Diferentemente do nosso olhar crítico sobre a cena final, o desenlace enigmático é visto por grande parte dos críticos como uma cena de suicídio, como um ato de punição pelas atitudes transgressoras de Edna, uma vez que as heroínas que desobedecem às regras patriarcais são comumente assassinadas na ficção por autores masculinos. E considerar a cena final como um suicídio reitera tal premissa machista da tradição literária do século XIX. Nesse sentido, Kate Chopin subverte os preceitos patriarcais através da transformação mítica de sua heroína, pois

Edna Pontellier é Afrodite, que é Ísis, que é o arquétipo do feminino. O trajeto do despertar da protagonista poderia ser interpretado como um trajeto de auto-descobrir-se de uma deusa: cada vez que Edna mergulha no mar, renova-se, reforça-se contra as limitações que o patriarcado lhe impõe por ser mulher (ROSSI, 2006, p. 167).

A título de trazer à baila dados biográficos importantes para a análise em questão, muito embora este estudo não tenha como propósito uma abordagem biográfica que articule características da vida e da obra da escritora, cabe ressaltar que a ilha do Golfo do México era um balneário em que Chopin costumava passar as férias de verão com o marido e os filhos, pois

Grand Isle foi um refúgio saudável da cidade que era incessantemente quente e acometida por doenças no verão. Durante a semana, *Grand Isle* era

8 “reaffirms Edna’s predominant belonging to the pleasurable realm [...]: she goes back to nature, to the resonant waters of the Gulf [...]. Her watery rebirth is a sort of sensual celebration and discovery of her naked body with the sea”.

dominada por mulheres e crianças⁹ (TOTH, 1993, p. 137-138, tradução nossa).

Com efeito, é notório o apreço da autora pela ilha que frequentava e que, possivelmente, lhe inspirou para criar a ambientação do romance. Outro traço biográfico relevante para a análise que nos propomos a fazer está relacionado à imagem de Afrodite como um adorno na sala de estar em que a escritora costumava ler e compor literatura, pois “além de algumas pinturas na parede e uma vela e uma Vênus nua na estante, quase não havia enfeites nela”¹⁰ (SEYERSTED, 1980, p. 62, tradução nossa. Nesse sentido,

(...) devemos ver a metáfora como um prenúncio de mensagens feministas importantes sobre as mulheres que recuperam as memórias de sua mãe e sobre dar à luz a si mesmas, sem a ajuda de Cronos ou de outros homens. Certamente a imagem de Chopin antecipa a proeminência e a complexidade da metáfora do nascimento da literatura feminina ao longo do século XX¹¹ (DYER, 1993, p. 114, tradução nossa).

Sob essa perspectiva, o fazer literário de Chopin revela vieses revisionistas e inovadores, cuja atuação *avant la lettre* lhe atribui um lugar de destaque no cenário realista americano, como uma das precursoras da literatura de autoria feminista, visto que a escritora traz à baila temas subversivos, sobretudo pela articulação da imagem da deidade que não se rende à dominação de deuses ou homens, assim como a heroína do romance que decide viver de suas próprias regras em sua trajetória de autorrealização, uma vez que

9 “for Kate Chopin and other young mothers, Grand Isle was a wholesome escape from city that was mercilessly hot and disease-ridden in the summer. During the week, Grand Isle was the domain of women and children”.

10 “apart from a few paintings in the wall and a candle and a naked Venus on the Bookshelf”.

11 “we are to see the metaphor as foreshadowing important feminist messages about women recovering their mother's memories and about giving birth to themselves, without the help of Cronuses or other men. Certainly Chopin's image anticipates the prominence and complexity of the birth metaphor in literature by women throughout the twentieth century”.

À medida que Edna conquista espaços dentro e fora de si mesma para expressar sua individualidade (ela sai livremente, pinta, foge de suas obrigações, vive sozinha, aceita um amante a quem ela não ama, está pronta para começar um caso com outro que ama), ela abandona gradualmente os padrões "femininos" estabelecidos¹². (GIORCELLI, 1988, p. 121, tradução nossa, grifos da autora).

Movida pela voz do mar, Edna mergulha nas águas de Afrodite e consagra-se no desfecho como a deusa do poder transgressor feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tais referenciais analisados à luz das figurações míticas da obra chopiniana, compreendemos que as evocações simbólicas do mar e da presença da deusa Afrodite enviesam o romance como um tributo ao feminino, assim como as transformações sociais do século XIX, como um marco do surgimento de uma literatura que questiona o papel da mulher na sociedade.

Portanto, por meio de abordagens mítico-simbólicas, Kate Chopin deixa um legado de coragem e subversão ao transpor barreiras em busca de um lugar ao sol na tradição literária do século XIX, problematizando a condição da mulher na sociedade, visto que o valor inaugural de sua obra a consagra como uma das principais autoras da ficção americana.

REFERÊNCIAS

CHOPIN, Kate. *O Despertar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994.

CIXOUS, Hélène. Sorties. In: CIXOUS, Hélène; CLÉMENT, Catherine. *The Newly Born Woman*. Trans. Betsy Wing. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 1986 (Theory and History of Literature, v. 24).

12 *As Edna conquers areas within and outside herself for the expression of her individuality (she goes out freely, she paints, she shuns her obligations, she lives alone, she takes a lover whom she does not love, she is ready to start an affair with another one whom she loves), she gradually abandons the prescribed "womanly" manners.*

-
- DYER, Joyce. *The Awakening: A Novel of Beginnings*. New York: Twayne, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>. Acesso em 17 ago. 2021
- GIL, Eulalia Piñero. *The Pleasures of Music: Kate Chopin's Artistic and Sensorial Synesthesia: 83–100*. In: OSTMAN, Heather; O'DONGHUE, Kate eds. *Kate Chopin in Context: New Approaches*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- GILBERT, Sandra M. *The Second Coming of Aphrodite: Kate Chopin's Fantasy of Desire*. *The Kenyon Review – New Series*, Gambier (OH): Kenyon College, v. 5, n. 3, p. 42 – 66, Summer 1983. Disponível em <https://monsonenglish.files.wordpress.com/2013/09/the-second-coming-of-aphrodite-gilbert.pdf>. Acesso em 16 ago. 2021.
- GIORCELLI, Cristina. *Edna's Wisdom: A Transitional and Numinous Merging*. In: MARTIN, Wendy (ed.), *New Essays on The Awakening*. New York: Cambridge UP, 1988.
- GUDMUNDSSON, Maria. *The Oceanic Feeling: A Freudian Reading of Katherine Chopin's The Awakening*. 2014.
- LANGLAND, Elizabeth. *Nobody's Angels: Domestic Ideology and Middle-Class Women in the Victorian Novel*. *PMLA*, v. 107, n. 2, p. 290-304, 1992.
- MORAIS, Regis de. *As Razões do Mito*. Org. Campinas: Papirus. 1998.
- POOVEY, Mary. *The Ideological Work of Gender*. In: *Uneven Developments*. University of Chicago Press, 1988.
- RAGUSA, Giuliana. *Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia*. *Revista Letras Clássicas*, n.5, p. 109-130, 2001. Disponível em <http://www.revistas.fflch.usp.br/delete2/article/view/806>. Acesso em 13 set 2021.
- RAPUCCI, Cleide Antonia. *Mulher e deusa: a construção do feminino em Fireworks de Angela Carter*. Maringá: Eduem, 2011.
- RIBEIRO, Roberto Vinícius Santos. *Água e desejo: a construção da subjetividade de Edna Pontellier no romance O despertar, de Kate Chopin*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25465/1/TCC%20Roberto%20Vinicius%202016.1.pdf>. Acesso em 12 ago. 2021.
- ROSSI, Aparecido Donizete. *A desarticulação do universo patriarcal em The Awakening, de Kate Chopin*. 2006. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91595/rossi_ad_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 16 set. 2021.

_____. *Sob a égide de Afrodite: o espaço feminino em O despertar, de Kate Chopin*. Revista de Letras, São Paulo: UNESP, v. 50, n. 1, p. 199 – 215, jan. – jun. 2010. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/3173/2899>. Acesso em 22 set. 2019.

SEYERSTED, Per. *Kate Chopin. A Critical Biography*. Baton Rouge (LA): Louisiana State University Press, 1980.

TANDT, Christophe Den. *Oceanic Discourse, Empowerment and Social Accommodation in Kate Chopin's The Awakening and Henrik Ibsen's The Lady from the Sea*. Université Libre de Bruxelles (ULB), 1997.

TOTH, Emily. *Kate Chopin*. New York: Morrow, 1993.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 16 de fevereiro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 14 de julho de 2022.